



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA
EDUCAÇÃO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS
INTERDISCIPLINARES**

MANCIO IVO JÚNIOR DE VASCONCELOS

A Gramática com múltiplas interfaces na formação educacional

**JOÃO PESSOA – PB
2014**

MANCIO IVO JÚNIOR DE VASCONCELOS

A Gramática com múltiplas interfaces na formação educacional

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Especialista.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Eneida de Oliveira Dornellas de Carvalho

JOÃO PESSOA – PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

V331g Vasconcelos, Mancio Ivo Júnior de
A gramática com múltiplas interfaces na formação educacional [manuscrito] : / Mancio Ivo Júnior de Vasconcelos. - 2014.
21 p.

Digitado.
Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.
"Orientação: Eneida de Oliveira Dornellas de Carvalho, Departamento de Humanidades".

1. Prática Pedagógica. 2. Gramática. 3. Contextualização. I. Título.

21. ed. CDD 372.61

MANCIO IVO JÚNIOR DE VASCONCELOS

A Gramática com Múltiplas Interfaces na Formação Educacional

Aprovada em: 06 de dezembro de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Eneida Oliveira Dornellas de Carvalho

Prof^a. Dr^a. Eneida de Oliveira Dornellas de Carvalho
Orientadora

Mônica de Lourdes Neves Santana

Prof^a. Dr^a. Mônica de Lourdes Neves Santana – UEPB
Examinadora

Antônio Flávio F. de Oliveira

Prof^a. Ms. Antônio Flávio Ferreira de Oliveira – UEPB
Examinadora

Dedico o resultado deste trabalho especial e exclusivamente ao Deus da sabedoria e da vida. Sem Ele, eu não teria chegado aonde cheguei; sua infinita misericórdia me fez trilhar os caminhos do desafio e me poupou severamente da morte no momento que eu estava no auge de obter mais esse título de especialista. Obrigado Senhor!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a DEUS, Senhor de tudo e de todos, que me deu coragem, forças e muita garra, mesmo nos momentos de desalento e de descrença em mim mesmo.

À Prof^a. Dr^a. Eneida Oliveira Dornellas de Carvalho minha orientadora – que apesar de pouco tempo que tivemos me ajudou e muito, a encontrar a solução para alguns momentos obscuros desta jornada.

Aos professores e colegas do Curso de Especialização, com quem tive o privilégio de viver mais um período de aprendizado.

À Prof^a. Neuhiloth de Oliveira, pelo apoio e pelas ajudas até muitas vezes inesperadas. Obrigado minha amiga por tudo!

A todos, sejam amigos, conhecidos, companheiro ou até mesmo estranhos que direta ou indiretamente me ajudaram a empreender esta caminhada.

“OS QUE COM LÁGRIMAS SEMEIAM COM JÚBILO SEIFARÃO.” (SALMO 126,5)

“Quem fala uma língua sabe muito mais do que aprendeu.”

(Chomsky)

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo investigar o ensino da gramática da Língua Materna levando em consideração as diversas mudanças na prática pedagógica dos professores para atender aos novos desafios e anseios no processo educacional. Apesar das práticas pedagógicas educacionais ainda resistirem às novas mudanças, temos a certeza de que não podemos ensinar e nem aprender gramática separada da realidade dos nossos alunos. Vivemos um momento em que se faz necessário refletirmos sobre qual o papel do ensino de Língua Portuguesa nas escolas e qual o foco principal que devemos dar para que nossos estudantes entendam a língua como meio de interação que precisa ser estudada com base na produção oral e escrita de textos, priorizando a gramática contextualizada e não fora da realidade de educadores e educandos.

Palavras chave: Prática Pedagógica. Gramática. Contextualização.

A B S T R A C T

This research aims to investigate the grammar teaching of Mother Tongue taking into account the various changes in the pedagogical practice of teachers to meet the new challenges and aspirations in the educational process. Despite the educational teaching practices still resist the new changes, we are sure that we can not teach or learn separate grammar and the reality of our students. We live at a time when it is necessary to reflect on the role of the Portuguese language teaching in schools and what the main focus that we give to our students understand the language as a means of interaction that needs to be studied on the basis of oral and written production texts, prioritizing contextualized grammar and not outside the realm of educators and students.

Keywords: Teaching Practice. Grammar. Contextualization.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1. CONSIDERAÇÕES SOBRE ENSINO DA LÍNGUA/LINGUAGEM	11
1.1. DISCUSSÃO ACERCA DA LÍNGUA	11
1.2. CONSIDERAÇÕES ACERCA DO ENSINO DE GRAMÁTICA	12
1.3. CONCEITUAÇÃO E TIPOS DE GRAMÁTICA	14
1.4. A PRÁTICA PEDAGÓGICA E O ENSINO DE GRAMÁTICA	15
1.5. PROPOSTAS METODOLÓGICAS PARA O ENSINO DE GRAMÁTICA ...	16
2. METODOLOGIA	18
3. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS	20
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	23
APÊNDICE	
APÊNDICE A	

INTRODUÇÃO

Em decorrência dos problemas enfrentados nas escolas, principalmente quando se trata de atender a todos os alunos quanto à aquisição de um conjunto básico de habilidades indispensáveis aos mesmos, colocamos a necessidade de se repensar o estudo da gramática com múltiplas interfaces na formação educacional.

Assim, este estudo é o resultado de uma série de indagações que nos acompanham ao longo de nossas trajetórias profissionais e busca analisar o tratamento dado ao ensino de gramática, no desenvolvimento da prática pedagógica dos professores de Língua Portuguesa. Objetivamos desse modo impulsionar uma discussão sobre o ensino de gramática no desejo de contribuir para a reconstrução de uma prática mais condizente com o interesse dos alunos, apesar das práticas pedagógicas educacionais ainda resistirem às novas mudanças e fixarem como objeto de ensino da língua, a gramática normativa.

Os requisitos que conduzem um indivíduo ao domínio de sua língua não se restringem apenas ao cumprimento de regras gramaticais, mas ao desempenho na produção oral e escrita de textos. Por isso que se deve considerar como objetivo de ensino da língua a aquisição da competência linguística e textual. Através da primeira o indivíduo é capaz de operar sobre sua língua com sequências gramaticais próprias e a segunda se baseia na capacidade de o educando se apropriar de sua competência intelectual para produzir e compreender textos bem formados. Para se chegar a isso é necessário um trabalho voltado à produção de textos coesos e coerentes.

Levando em consideração tal perspectiva para o ensino de língua, este estudo tem por finalidade analisar a prática pedagógica, ouvir os professores de Língua Portuguesa e alunos no desejo de contribuir para o aperfeiçoamento de uma prática interativa de ensino de produção textual escrita. Essa tomada de posição requer uma perspectiva teórica que considere a Língua Portuguesa como objeto de estudo, e é necessário que se reflita sobre o seu papel como instrumento de interação. Para a concretização do trabalho, lançamos mão de uma seleção bibliográfica que proporciona uma compreensão mais ampla do assunto abordado. Assim, nos capítulos deste estudo realizamos uma discussão sobre língua, ensino de gramática e conceituação e tipos de gramática. Tratamos de fazer uma análise sobre a prática pedagógica do professor

quanto à exploração da gramática. Descrevemos um pouco daquilo que observamos em sala de aula, em termos de prática pedagógica e processo de ensino-aprendizagem e relações sociais e de trabalho ali desenvolvidos. Apresentamos algumas reflexões de linguistas e as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais para a condução da prática de ensino de Língua Portuguesa.

Num segundo momento, apresentamos a metodologia aplicada para a obtenção dos dados, realizada através de uma pesquisa de campo, descrita na parte metodológica. Após a análise e discussão dos dados presentes nas entrevistas realizadas com os professores e nos questionários respondidos pelos mesmos, apresentamos nossas considerações finais.

Esperamos, ao final desse estudo, contribuir com a reflexão e prática de um ensino gramatical mais vivo, mais real, mais consistente e mais interativo e coerente com a história dos indivíduos de diferentes classes sociais, entendendo que podemos ter ótimos profissionais do ensino da Língua Materna fundamentados em conhecimentos sobre as relações entre linguagem, sociedade e escola.

1 CONSIDERAÇÕES SOBRE ENSINO DA LÍNGUA/LINGUAGEM

1.1 Discussão acerca da língua

A língua só tem existência no jogo que se joga na sociedade, na interlocução. E é no interior de seu funcionamento que se pode procurar estabelecer as regras de tal jogo. Dessa forma, o ensino da língua requer não só o estudo de suas estruturas e nomenclaturas gramaticais, mas principalmente de seu uso social, e para isso é necessário um trabalho integrado entre o que o aluno precisa saber sobre a estrutura linguística e sua real utilidade no dia a dia. Para o falante de português, mais importante que saber analisar sua língua é saber usá-la dominando seu uso em situações concretas de interação. Por ser produzida por uma sociedade que distribui as pessoas em grupos, a língua expressa essa mesma organização e funcionamento sociais, justificando repensar-se o ensino-aprendizagem de português quanto a sua relevância social. Em função disso, é necessário que a escola descubra sua real função que é formar cidadãos capazes de viver em sociedade segundo suas características individuais. Para isso, desde a educação infantil, as práticas pedagógicas devem realizar um trabalho satisfatório com a linguagem que seja capaz de fazer com que a criança compreenda como realmente a língua funciona.

Segundo Travaglia (1998), uma questão importante para o ensino de Língua Materna é pensar sobre a maneira como o professor concebe a linguagem e a língua, pois o modo como se concebe a natureza fundamental da língua altera em muito o como se estrutura o trabalho com a língua em termos de ensino. A concepção de linguagem é tão importante quanto à postura que se tem relativamente à educação. Normalmente tem se levantado três possibilidades distintas de conceber a linguagem, das quais apresentaremos a seguir os pontos fundamentais e mais pertinentes para o nosso objetivo.

Geraldi (1999) expõe três concepções de linguagem:

A linguagem como expressão do pensamento. Essa concepção ilumina, basicamente, os estudos tradicionais. Se concebermos a linguagem como tal, somos

levados a afirmações – correntes – de que pessoas que não conseguem se expressar não pensam.

A linguagem é instrumento de comunicação. Essa concepção está ligada à teoria da comunicação e vê a língua como código (conjunto de signos que se combinam segundo regras) capaz de transmitir ao receptor certa mensagem. Em livros didáticos, é a concepção confessada nas instruções ao professor, nas introduções, nos títulos. Essa concepção levou ao estudo da língua enquanto código virtual, isolado de sua utilização – na fala (Saussure) ou no desempenho (Chomsky). Isso fez com que a linguística não considerasse os interlocutores e a situação de uso como determinantes das unidades e regras que constituem a língua, afastando o indivíduo falante do processo de produção, do que é social e histórico na língua.

A linguagem é uma forma de interação social. Mais do que possibilitar uma transmissão de informações de um emissor a um receptor, a linguagem é vista como um lugar de interação humana. Por meio dela o sujeito que fala pratica ações que não conseguiria levar a cabo, a não ser falando; com ela o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não preexistiam à fala.

A comunicação se dá por meio da língua, cujas palavras se enquadram num sistema no qual a pronúncia e o entendimento se fazem de maneira semelhante pelos membros de uma determinada comunidade linguística. Acrescente-se: uma língua, quando escrita, alarga a comunicação, porque permite o entendimento entre pessoas não presentes simultaneamente.

Essas breves considerações quanto ao uso da língua permitem dizer que falar uma língua não exige, aparentemente, nada além de um esforço no sentido de aproximação com o outro na busca de compreensão, já que falar é um ato natural.

1.2 Considerações acerca do ensino de gramática

O que significa mesmo ensinar a língua? Ensinar língua ou ensinar gramática? Ficamos com a opção ensinar a língua, pois é perfeitamente possível aprender uma língua sem conhecer os termos técnicos com as quais ela é analisada, como já afirmaram Possenti (1996) e Galdi (1999).

As considerações feitas em torno da gramática como essencial ao ensino de língua partem de uma questão equivocada: ensinar ou não ensinar conteúdos

gramaticais? Dizer que isso é uma falsa questão constitui atitude simplista e pouco produtiva porque, diante da dúvida não enfrentada, o professor certamente há de continuar a fazer como sempre fez. Se não por convicção, por apego às imagens que constituem sua identidade profissional. (POSSENTI, 2000).

Durante muitos anos, o ensino de gramática foi sustentado por exemplos de frases pinçadas de obras literárias, criadas pelos autores dos livros didáticos ou na própria sala de aula, improvisadamente, pelo professor. Esse é um ensino de gramática tradicional, ou melhor, dizendo, um ensino da versão atual seriamente empobrecida, da velha gramática tradicional.

Em geral, as pessoas têm assumido duas posições bem antagônicas com relação ao ensino de gramática na escola. Uma alega que ela é inútil e acham que deve ser completamente eliminada das aulas. Outras já endeusam a gramática e fazem dela o único objetivo do ensino da língua portuguesa. É claro que há exagero em ambas as posições. Assim como não é adequado reduzir o ensino de português ao estudo da gramática normativa, também não se pode deixar de aprendê-la, pois ela é um dos meios pelos quais se tem acesso ao padrão culto da língua, isto é, aquele que geralmente se utiliza nos jornais, nas revistas e nos livros. (FARACO & MOURA, 1996).

Partindo de afirmações concretas de que nossos alunos aprendem um bocado de gramática durante sua vida escolar, concluímos que seria interessante mostrar alguns pré-requisitos essenciais para o estudo da gramática, tais como: a habilidade de ler fluentemente e seu papel importante na formação intelectual dos alunos. O ensino gramatical pode ser um dos meios pelos quais nossos alunos crescerão e se libertarão intelectualmente. Mas sair de uma tradição requer reflexão, disposição e abertura, pois trazer pacotes de ensino pré-montados de nada adiantaria. Finda a utilização do pacote, teríamos a recorrência aos velhos exercícios. Para mudar a abordagem da gramática, é necessário enxergá-la como prática interligada e contextualizada à leitura e à produção textual.

Os livros didáticos, da maneira como veem sendo usados nas escolas de 1º e 2º graus, não correspondem às necessidades de aprendizagem dos alunos, são apresentados como se fossem um universo completo de informações e promovidos a recurso insubstituível. Mas nem sempre o livro didático oferece o suficiente, muitas vezes propõem exercícios estruturais, nem sempre suficientes ao trabalho de análise de um fato da língua. Assim, deveriam ser considerados apenas um ponto de referência para o professor e uma fonte de consulta para o aluno. O professor jamais pode esquecer

que dispõe de outros recursos, além do livro, que permitem aproveitar a emoção e a criatividade do aluno.

1.3 Conceituação e tipos de gramática

Como vimos anteriormente, o objetivo do ensino de língua materna é o desenvolvimento da competência comunicativa. Para isso, torna-se necessário considerarmos três tipos de gramática:

Internalizada, ou seja, um conjunto de regras que o falante domina. Refere-se a hipóteses sobre os conhecimentos que habilitam o falante a produzir frases ou sequências de palavras de maneira tal que essas frases e sequências sejam compreensíveis e reconhecidas como pertencendo a uma língua. Na verdade, é essa gramática que é objeto de estudo dos outros dois tipos de gramática, sobretudo da descritiva (PERINI; 1976, apud POSSENTI, 1998). Considerando a língua como um conjunto de variedades utilizadas por uma sociedade de acordo com o exigido pela situação de interação comunicativa em que o usuário de língua está engajado, o falante percebe a gramática como um conjunto de regras que de fato aprendeu e das quais lança mão ao falar. Não existem livros dessa gramática, pois ela é o objetivo da descrição, daí porque normalmente essa gramática é chamada de gramática internalizada (POSSENTI, 2000).

Descritiva. Trata de um sistema de noções mediante as quais se descrevem os fatos de uma língua, permitindo associar a cada expressão dessa língua uma descrição estrutural e estabelecer suas regras de uso, de modo a separar o que é gramatical do que não é gramatical. (autor? apud TRAVAGLIA, 1997, 27). Essa gramática descreve e registra uma determinada variedade da língua em um dado momento de sua existência (portanto numa abordagem sincrônica), as unidades e categorias linguísticas existentes, os tipos de construção possíveis e a função desses elementos, o modo e as condições de uso dos mesmos. Portanto, a gramática descritiva trabalha com qualquer variedade da língua e não apenas com a variedade culta e dá preferência para a forma oral desta variedade. Podemos, então, ter gramática descritiva de qualquer variedade da língua. Esta gramática será o resultado do trabalho do linguista a partir da observação do que se diz ou se escreve na realidade e trata de explicitar o mecanismo da língua, construindo hipóteses que expliquem o seu funcionamento (TRAVAGLIA, 1997, 30). Quanto a esta

gramática, será importante o seu uso pelo professor, pois valoriza as regras de fato utilizadas pelos falantes e tem a preocupação de explicar as línguas como elas são faladas, o que podemos caracterizar como regras que não são seguidas. É importante ressaltar que poderá haver diferenças entre as regras que devem ser seguidas e as que não são seguidas em consequência do fato de que as línguas mudam e a gramática normativa continua impondo regras que os falantes não seguem mais.

Normativa. É aquela que estuda apenas os fatos da língua padrão, da norma culta de uma língua, norma essa que se tornou oficial. Baseia-se, em geral, mais nos fatos da língua escrita e dá pouca importância à variedade oral da norma culta, que é vista, conscientemente ou não, como idêntica à escrita. A gramática normativa apresenta e dita normas de bem falar e escrever, normas para a correta utilização oral e escrita do idioma, prescreve o que se deve e o que não se deve usar na língua. A gramática normativa é mais uma espécie de lei que regula o uso da língua em uma sociedade. A parte de descrição da norma culta e padrão não se transformam em regra de gramática normativa até que seja dito que a língua só é daquela forma, só pode aparecer e ser usada naquela forma. É preciso, pois, separar a descrição que se faz da norma culta da língua, da transformação dessa descrição em leis para uso da língua (TRAVAGLIA, 1997, 30-31).

1.4 A prática pedagógica e o ensino de gramática

A sociedade é composta por indivíduos que são seres sociais historicamente determinados num limite de tempo e espaço, e por isso mesmo, passíveis de mudanças. Portanto, é preciso saber que tipo de sociedade queremos ter. Que tipo de sociedade temos. Que homens queremos formar. Qual a importância do saber formal. A quem ensinar e o que ensinar.

Boa parte dos professores, provavelmente a maioria, baseia sua prática em prescrições pedagógicas que viraram senso comum, incorporadas ou transmitidas pelos colegas mais velhos. Essa prática contém pressupostos teóricos implícitos, como o da desvalorização do conhecimento prévio do aluno, o que resulta na repetição ano após ano, de conteúdos, mas o que precisa ser ensinado é o que precisa de correção ou o que os alunos ainda não sabem. Veiga (1992, p. 163) entende

a prática pedagógica como uma prática social orientada por objetivos, finalidades e conhecimentos é inserida no contexto da prática social. A prática pedagógica é uma dimensão da prática social que pressupõe a relação teoria-prática, é essencialmente nosso dever, como educadores, a busca de condições à sua realização.

Em relação ao ensino de língua, é fundamental que esteja voltado para projetos de leitura, nos quais o aluno produza e interprete textos variados. É necessário articular ensino de língua com ensino de gramática que descreva os fatos da língua em nossas aulas de língua materna. Para isso, é necessário o compromisso e o desempenho dos professores como elementos essenciais na construção de um novo processo na aquisição do conhecimento, no qual o professor seria apenas um coordenador/orientador e o aluno/sujeito pensante/crítico e colaborador para o sucesso desse processo de aprendizagem.

Os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) inovam, principalmente, na reflexão sobre a Prática Pedagógica no ensino de gramática, quando refletem a preocupação com o ensino de gramática que impera em nossas escolas. Um ensino descontextualizado e desarticulado das práticas de linguagem e que é tratado como conteúdo estritamente escolar, do tipo que só serve para passar de ano.

Ao ensinarmos gramática, queremos que o aluno domine a língua, para ter uma competência comunicativa nessa língua, mas, como diz Geraldí (1993, 16-17), é preciso entender que dominar uma língua não significa apenas incorporar “um conjunto de itens léxicos (o vocabulário)”; é, antes de mais nada, aprender “um conjunto de regras de estruturação de enunciados” e aprender “um conjunto de máximas ou princípios” de como construir um texto oral ou escrito, levando em conta os interlocutores possíveis e os objetivos que se tem ao dizer, bem como a própria situação de interação como elementos pertinentes nessa construção e no estabelecimento do efeito de sentido que acontece na interação comunicativa.

1.5 Propostas metodológicas para o ensino da gramática

O ensino de gramática em nossas escolas tem sido primordialmente prescritivo, vinculado às regras de gramática normativa que, como vimos, são estabelecidas de acordo com a tradição literária clássica, da qual é tirada a maioria dos exemplos de língua.

Todos aqueles que dão aula de Língua Portuguesa tem uma ideia clara sobre como tem sido o ensino de gramática em nossas escolas, tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio. Mas entendemos atualmente que o que deve ser ensinado não precisa responder às imposições de organização clássica de conteúdos na gramática escolar, e sim aos aspectos que precisam ser tematizados em função das necessidades apresentadas pelos alunos nas atividades de produção, leitura e escrita de textos diversos.

Uma das propostas do ensino de língua é trabalhar gramática numa perspectiva mais ampla, da dimensão do funcionamento textual–discursivo dos elementos da língua, uma vez que a língua funciona em textos produzidos em situações específicas de interação comunicativa e não em palavras e frases isoladas e abstraídas de qualquer situação ou contexto de comunicação. Geraldi (1999) discute que muitos professores se preocupam com o fato de tomar o texto de um aluno para trabalhar com a classe, pensando em como se sentirá o aluno cujo texto foi escolhido. Parece-nos que este problema advém, sobretudo, da atitude que predominantemente se tem estabelecido, quanto a este tipo de trabalho em sala de aula, que gera sempre um significado negativo para a escola. Segundo Travaglia (1998, p. 137),

isto pode ser evitado se o professor criar nos alunos a atitude de discussão dos fatos da língua, para se obter uma comunicação mais eficiente e não porque o texto é ruim; Deve-se variar o critério de escolha dos textos a serem trabalhados; Em terceiro lugar pode-se variar a forma de escolha do texto a ser trabalhado: a escolha do professor após a leitura dos textos, ou escolha fortuita escolhendo um determinado aluno, sem ter lido os textos ou por sorteio, escolha dos alunos em grupo, por votação entre os mesmos, etc. E finalmente, trabalhar também textos de outros produtores: autores de obras literárias, reportagem, receitas, contratos, etc.

Sendo assim, a aula de gramática será sobretudo uma análise de:

ligações que cada elemento da língua é capaz de indicar ao receptor, de maneira que ele tenha acesso ao modelo de representação que o locutor tem a intenção de lhe comunicar, e se esforça (cooperativamente) para lhe comunicar; De como cada elemento da língua e/ou cada tipo de elemento funciona como pista ou marca de instruções relacionais e interpretativas para a produção de efeitos de sentido (Saussure, 195, p. 96).

Ou seja, a aula de gramática pode ser direcionada à especificidade de cada uma das marcas ou tipos de marcas (ou formas de marcação) existentes na língua no momento atual (sincrônico) de sua evolução.

Do que foi dito desprende-se que a abordagem de um mesmo fenômeno pode funcionar em sala de aula com o objetivo de desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos. Para isso o professor deve procurar uma visão abrangente da língua para que seu caráter sistemático se dê de forma sistematizada no ensino de língua.

2 METODOLOGIA

Discutimos até aqui sobre o ensino de língua, centrando-nos sobre a gramática. Entendemos que essa discussão precisa ser embasada em dados concretos e por isso realizamos junto a professores de língua portuguesa uma pesquisa através de entrevistas, em que buscamos conhecer a concepção de língua com que esses professores atuam em sala de aula.

Entrevistamos três professores de uma Escola Municipal na cidade de João Pessoa – PB, bem como três professores de uma Escola Estadual da mesma cidade. Já havíamos realizado pesquisa semelhante com professores de uma escola da rede pública estadual, localizada na cidade de Santa Terezinha – PE, em 2007, e observamos que os questionários aplicados sete anos após e em realidades distintas obtiveram resultados bem melhores.

Os professores entrevistados da Escola Municipal foram identificados com os números 1, 2 e 3 e os professores entrevistados da Escola Estadual com os números 4, 5 e 6. Não identificamos os professores, bem como as escolas, para preservar seu anonimato e assim captar o máximo de informações.

Para a realização da pesquisa foi utilizado o seguinte questionário:

1. O que é gramática?
2. Qual a função da gramática no ensino da Língua Portuguesa?
3. Como você introduz o ensino da gramática?
4. Como você avalia a aprendizagem e o uso da gramática nos textos de seus alunos?
5. Em sua opinião, em que fase do ensino deveria ser introduzida à gramática normativa? Por quê?
6. Dê sugestões de como aperfeiçoar o ensino de gramática da Língua Portuguesa no ensino de hoje (atualmente):

3 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS

Apresentamos nesse momento as respostas dadas pelos professores no questionário, apresentando ao mesmo tempo uma análise.

Questão 1: O que é gramática?

Quanto à visão do conceito de gramática, o professor 1 respondeu que é um conjunto de regras que normatizam o bem falar e o bem escrever de acordo com a norma padrão. Os professores 2 e 3 compreendem a mesma como sendo um conjunto de normas que regem uma língua para garantir o seu bom uso nos diversos meios. Coincidentemente, os professores 4 e 5 responderam que é o estudo das normas cultas que regem o sistema linguístico para o bom funcionamento da nossa língua. E por último o professor 6 respondeu que é o que regula e orienta o uso da língua, não somente a variante padrão como todas as variantes.

Questão 2: Qual a função da gramática no ensino da Língua Portuguesa?

Para a 2ª questão, os professores 1, 2, 4 e 6 responderam que tem o objetivo do ensino da gramática é o de orientar o uso da língua padrão e para que a mesma seja compreendida nas diversas variedades linguísticas. Os professores 3 e 5 veem essa questão como necessária para elevar o prestígio da nossa língua e otimizar a relação entre linguagem e escrita, seja coloquial e/ou culta.

Questão 3: Como você introduz o ensino da gramática?

Com referência à 3ª pergunta, os professores 2, 3, 4 e 6 responderam por unanimidade que através de diversos textos, dentro dos quais é contextualizada a gramática, dando ênfase às diversas realidades existentes em sala de aula. Já o professor 5 respondeu que através da metalinguística (conceitos, identificação e classificação) e a epilinguística (a língua em seu uso no sentido semântico), frisando que também através de leituras e análises textuais. Nestas respostas já pude perceber o grande diferencial em relação às entrevistas e observações das entrevistas anteriores, quando foi dito que a gramática era trabalhada de forma vazia, isolada e descontextualizada, seguindo-se talvez módulos arcaicos e normas retrógradas de ensinar.

Questão 4: Como você avalia a aprendizagem e o uso da gramática nos textos de seus alunos?

Os professores 1, 2, 3, 4 e 5 responderam que os alunos usam de forma razoavelmente eficiente o aprendizado da gramática, apesar de sentirem algumas dificuldades, que, em se tratando da norma culta torna-se um tanto complicado, pois escrevem normalmente da mesma forma que falam. Enquanto que o 6 respondeu que com pouca importância, pois frente à realidade de cada um a gramática pouco interessa aos alunos.

Questão 5: Em sua opinião, em que fase do ensino deveria ser introduzida à gramática normativa? Por quê?

Para essa questão, todos responderam que o quanto antes iniciar o estudo e o ensino desta, mais aproveitamento e conhecimento se terá em se tratando da gramática normativa, tendo em vista ser ela que rege com precisão a Língua Materna.

Questão 6: Dê sugestões de como aperfeiçoar o ensino de gramática da Língua Portuguesa no ensino de hoje.

Esta questão foi realizada com o objetivo de coletar dados que fossem úteis para o meu estudo no momento. Todos os professores sugeriram a leitura de bons livros, o trabalho com a escrita e a interpretação de vários textos, ou seja, textos diversificados que levem os alunos a criar curiosidades, pois daí amplia-se o vocabulário e a memória visual dos mesmos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que podemos identificar com nosso trabalho, com clareza, é que professores de Língua Portuguesa como Língua Materna, de um modo geral, estão passando por momentos de crise, pois ora se sabe ensinar, ora não se sabe. Portanto, recorreremos em nosso trabalho, a uma apresentação sobre como se materializam algumas propostas de alguns professores entrevistados. Para tal, procuramos especificamente identificar o tratamento dado ao ensino-aprendizagem da Língua Materna, realizando uma entrevista com professores da rede municipal e estadual. O que predominou em minha análise foram os anseios, as dúvidas e a tentativa de buscar respostas aos meus questionamentos.

A primeira constatação que fizemos, desde as primeiras análises, foi a de que são necessárias leituras e releituras de vários autores e das respostas dos docentes na busca de fundamentação necessária ao desenvolvimento deste trabalho.

Constatei que há, por parte dos professores, muita confusão a respeito das propostas pedagógicas. Ouvi e observei docentes convictos de que procederam didaticamente segundo um modelo pedagógico construtivista. Observei que, apesar de ainda haver equívocos na prática pedagógica, muitos docentes já demonstram uma preocupação com o ensino de gramática. Provavelmente o maior equívoco dos docentes seja quanto à confusão que se faz quanto à dificuldade de compreender a diferença entre “o que seja ensinar língua” e “o que seja ensinar gramática”.

Conclui-se assim sobre a importância da relação entre pesquisa e ensino em Língua Portuguesa, para um aprofundamento da compreensão gramatical, na direção de uma nova postura político - pedagógica no ensino de Língua Materna.

Acredito que o ensino tem poder ilimitado para produzir aprendizagem e é necessária uma mudança de concepção pedagógica e de prática escolar. Sem essas mudanças, teremos dificuldades para superarmos os descaminhos didático-pedagógicos no ensino de Língua Materna, especialmente quanto à gramática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FARACO & MOURA; Língua e Literatura – São Paulo: 16ª edição – Editora Ática. 1996.

GERALDI, João Wanderlei. (org) – O Texto na sala de Aula – São Paulo: Editora Ática: 1993 / 1996 e 1999.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS – Língua Portuguesa. 1º e 2º ciclos. Ministérios da Educação e do Desporto, Secretaria do Ensino Fundamental (S / data).

PERINI, Mário A. A Gramática Descritiva do Português. São Paulo: 3ª edição, Editora Ática: 1976 e 1998.

POSSENTI, Sérgio. Por que (não) Ensinar Gramática na Escola? Campinas, São Paulo: Mercado de Letras do Brasil, (coleção Leituras do Brasil) 1996 / 1998 e 2000.

SAUSSURE, F. Curso de Linguística Geral. Trad. De Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo. Cultrix, 1995.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Gramática e Interação: Uma Proposta para o Ensino de Gramática no 1º e 2º Graus – São Paulo: 2ª edição, Editora Cortez, 1997 e 1998.

VEIGA, Manoel Alte. Um Critério para a Educação? Coleção Livros LusoSofhia: press Cavilhã, 2009.

APÊNDICE 1: Questionário dos Professores

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM

FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

INTERDISCIPLINARES

Prezado (a) Professor (a):

Este questionário objetiva coletar dados para o meu trabalho monográfico, que estuda “**A GRAMÁTICA COM MÚLTIPLAS INTERFACES NA FORMAÇÃO EDUCACIONAL**”. Trata-se de um trabalho acadêmico de conclusão do Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da UEPB / Polo João Pessoa – PB, orientado pela Prof^a. Dr^a. Eneida Oliveira Dornellas de Carvalho. Para tanto, conto com a sua contribuição e desde já agradeço a sua colaboração.

Prof^o. Mancio Ivo Júnior de Vasconcelos

Aluno Pós-Graduação / UEPB.

I – Informações Gerais:

Nome do (a) Professor (a) Entrevistado (a): _____

Você gosta da sua Profissão? _____

Nível de Instrução e Nome do Curso que Possui: _____

Tempo de Experiência no Magistério: _____ Idade: _____ anos.

Quanto tempo você trabalha nesta Escola? _____ anos. Turma(s) que leciona: _____ N^o de alunos de sua(s) turma(s): _____

Masculino () Feminino (). Qual é a faixa etária de seus alunos? _____

Diga um pouco quem são os seus alunos em sala de aula: _____

II – Refletindo sobre como se dá o Ensino de Gramática hoje na Formação Educacional dos estudantes em três Escolas Públicas da Rede Estadual e três da rede Municipal no Município de João Pessoa – PB.

1) O QUE É GRAMÁTICA?

2) QUAL A FUNÇÃO DA GRAMÁTICA NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA?

3) COMO VOCÊ INTRODIZ O ENSINO DA GRAMÁTICA?

4) COMO VOCÊ AVALIA A APRENDIZAGEM E O USO DA GRAMÁTICA NOS TEXTOS DE SEUS ALUNOS?

5) EM SUA OPINIÃO, EM QUE FASE DO ENSINO DEVERIA SER INTRODIZIDA A GRAMÁTICA NORMATIVA? POR QUÊ?

6) DÊ SUGESTÕES DE COMO APERFEIÇOAR O ENSINO DE GRAMÁTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO DE HOJE (ATUALMENTE):